

REDE SOCIAL DIGITAL E MOVIMENTOS SOCIAIS EM SALA DE AULA: experiências sobre ensino e aprendizagem

Isabel Cristina Chaves. Lopes
icrislopes@vm.uff.br

<http://lattes.cnpq.br/2149468612464993>

RESUMO

O artigo relata uma experiência de utilização da rede social digital em sala de aula, observando questões relativas a reações dos alunos de um curso de graduação em nível superior, assim como a capacidade de tal recurso, desde que adaptado a objetivos e metodologias específicas, de intervir afirmando propostas democráticas de ações relativas ao ensino e à aprendizagem.

Palavras- chave: Movimentos Sociais; Rede Social Digital; Atividade de Ensino

INTRODUÇÃO

O artigo refere-se a uma experiência em sala de aula, na graduação em Serviço Social na Universidade Federal Fluminense, na disciplina de Classes e Movimentos Sociais no ano de 2015. Esta envolveu o exercício do debate político qualificado na rede social digital, sobre matérias selecionadas na internet, a serem discutidas a partir do conteúdo trabalhado em aulas expositivas realizadas com o suporte da leitura de textos previstos para a disciplina.

A iniciativa deveu-se ao interesse em relacionar texto impresso, texto digital e rede social digital no trabalho de fixação de conteúdos da disciplina, assim como de estimular o exercício do debate político, de forma qualificada, como deve caber a qualquer profissional ou simples cidadão. Por se tratar de um conteúdo relativo a movimentos sociais, era importante deixar claro para os estudantes o quanto o debate é um elemento essencial nestes espaços, inclusive para que suas ações possam adquirir caráter propositivo.

Aqui relataremos elementos observados nos comportamentos dos alunos participantes desta experiência, assim como questões que consideramos importantes levantar a partir de tais observações, tratadas a partir de um viés analítico crítico ao caracterizado por uma linha de horizontalidade e liberdade.

Partimos do princípio de que tais meios de comunicação, por serem meios de comunicação de massa, geram no imaginário social de senso comum (e até do bom senso também) a ideia de que são banais, vulgares e portanto não merecem atenção e nem respeito. Coelho (2006, p. 23), por exemplo afirma que

[...] a cultura de massa aliena, forçando o indivíduo a perder ou a não formar uma imagem de si mesmo diante da sociedade, uma das primeiras funções por ela exercida seria a narcotizante, obtida através da ênfase ao *divertimento* em seus produtos. [...] com seus produtos a indústria cultural pratica o *reforço das normas sociais*, repetidas até a exaustão e sem discussão [...] [em] consequência [promove] o *conformismo social*.

Sobre o assunto, Santaella (2005, p. 11) que que corrobora de certa forma com reflexões que vimos desenvolvendo sobre a utilização das redes sociais no processo de ensino aprendizagem faz a seguinte observação.

[...] a cultura de massas não deve ser vista como uma terceira forma de cultura estranha às anteriores [erudita e popular]. Ao contrário, a cultura de massas provocou profundas mudanças nas antigas polaridades entre cultura erudita e a popular, produzindo novas apropriações e intersecções, absorvendo-as para dentro de suas malhas.

Portanto, a maioria das pessoas que utiliza as redes sociais digitais acaba atendendo à lógica de um comportamento de maneiras grosseiras, diferente da que, na maioria das vezes, é utilizada em suas relações cotidianas na forma presencial. Sendo a rede social digital um espaço que gera sensação de liberdade, nos questionamos acerca dos motivos do uso da liberdade desta forma, compreendendo que esta não é uma questão pequena nem de pouca importância.

O fato nos leva inicialmente a concluir sobre o grau de deficiência de uma cultura política de caráter democrático e nos conduz ao interesse de explorar mediações capazes de fazer frente ao mesmo. Isto é possível porque como afirma Gohn (2011, p.65) “a cultura política [é] resultado de um processo que a constrói cotidianamente, por meio de um jogo de reciprocidade.” Desta conclusão acentua-se o interesse pelo uso da rede social digital para fins de trabalho pedagógico acadêmico, onde a sensibilidade para uma cultura política ética seja estimulada através do desenvolvimento da confiança no pensar e falar de forma crítica, posto que embasada em reflexões propiciadas, no caso desta experiência, em estudos de textos para aulas expositivas.

SOBRE MOVIMENTO SOCIAIS

Podemos dizer que os movimentos sociais distinguem-se por objetivos e formas de mobilização, assim como níveis de ações políticas diferentes. Mas apesar de apresentarem especificidades relativas a nível das demandas, por exemplo, como as demandas mediatas e imediatas, as demandas pontuais ao Estado (governos) ou a outras instituições, eles possuem elementos em comum, necessários à sua identificação enquanto tais. Alguns destes elementos são:

- *O fato de envolverem ações coletivas pautadas em demandas comuns;
- *Serem sujeitos e objetos das ações que empreendem, construindo sua autonomia e identidade sobre a base dominação/subordinação;
- *Diferenciarem-se de outras formas de organização social, como as mobilizações sociais, pela exigência de um trabalho estruturado sistemático em torno da construção de lideranças políticas, coordenação de ações políticas táticas e estratégicas, racionalização de ideias, elaboração de objetivos, fortalecimento de ideologias, organização de recursos financeiros, criação de instrumentos de comunicação, entre outros. No entanto, não existe somente um forma de coordenar, de liderar, de racionalizar ideias e organizar um coletivo de pessoas.

Segundo Gohn (1999, p.44), movimentos sociais são:

Movimentos sociais são ações coletivas de caráter sociopolítico, construídas por atores sociais pertencentes a diferentes classes e camadas sociais. Eles politizam suas demandas e criam um campo político de força social na sociedade civil. Suas ações estruturam-se a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em situações de: conflitos, litígios, disputas. As ações desenvolvem um processo social e político cultural que cria uma identidade coletiva ao movimento, a partir de interesses em comum. Esta identidade decorre da força do princípio da solidariedade e é construída a partir da base referencial de valores culturais e políticos compartilhados pelo grupo.

Os objetivos a serem alcançados pelos movimentos sociais definem-se basicamente pelas demandas sociais que lhes são concernentes. Estas ajudam a determinar e definir os tipos e formas de movimentos sociais, em função de advirem da realidade com as quais estes lidam. Tai demandas até podem ser difusas, incompletas, frágeis, amplas demais, mas somente podem vir da realidade. Os movimentos sociais as identificam, dão-lhes ou não visibilidade, organizam-nas, encaminham-

nas, mas não as criam. Isto é realizado pela dinâmica da realidade, da qual eles também participam e que é o que constrói a história.

Mas se as demandas sociais são elementos chaves na configuração dos movimentos sociais, é certo que estes podem desenvolver-se de forma organizada e estruturada ou ainda não institucionalizada, muitas vezes envolvendo paixão e utopias.

Em quase todos os casos os movimentos sociais envolvem relação de conflito com o Estado, no sentido de procurar a conquista de atendimento às suas demandas. Portanto, configura-se como uma mediação importante no processo de defesa e garantia de direitos sociais junto à esta instituição.

Frente a estas questões, observamos o lugar de centralidade do cotidiano nas análises do papel dos movimentos sociais dentro da sociedade. É nele que todos estes processos se realizam. É a partir da superação dos efeitos da superficialidade, da rotina e da heterogeneidade que a cotidianidade gera na vida dos indivíduos, que os movimentos sociais de caráter mais progressista vão fortalecendo sua ação coletiva.

Disto infere-se o caráter educativo dos movimentos sociais, mas que, no entanto, pode ter tanto fundamentação progressista quanto conservadora ou até mesmo apresentar-se nestes dois casos, sendo que em medidas diferenciadas. Mas, se cabe aos movimentos sociais de caráter progressista, contribuir no desenvolvimento de consciências mais autônomas, que possibilitem aos membros da sociedade colocarem-se mais inteiros nas relações, necessário se faz o enfrentamento dos fundamentos do conservadorismo ainda mantidos em suas dinâmicas de trabalho. Sob este aspecto, destacamos a importância da ampliação do exercício de debates de ideias e da qualificação para o mesmo, qualificação esta que pode realizar-se nos próprios debates e nos estudos para os mesmos. Encontramos na rede social digital ferramenta útil a este trabalho.

REDE SOCIAL DIGITAL

Constatando que a “internet é acima de tudo uma criação cultural” (CASTELLS, 2003, p. 32), cunhada pelo sentido de liberdade e criatividade, que além de uma tecnologia da comunicação é uma prática social, avaliamos ser possível falar “no progresso dos seres humanos através [desta] tecnologia” (Ibid., p. 106) onde, a princípio, é possível o exercício da criatividade de forma aberta, e, portanto, a contribuição a processos de reinvenção da sociedade. Sendo um espaço cultural com

tais características e possibilidades éticas, configura-se também como um espaço de possibilidades para uma educação política comprometida com práticas mais emancipadoras.

Portanto, para Castells (Ibid., p.49) a rede social é um instrumento “de organização, ação coletiva de construção de significado”, apesar deste “novo padrão de sociabilidade em nossa sociedade [ser] caracterizado pelo individualismo” (Ibid., p. 109), o que não significa dizer que a “internet cria [este] padrão de [relação] (...) [já que este padrão] é (...) social [e] não um acúmulo de indivíduos isolados” (Ibid). Castells avalia que o aumento do uso da tecnologia, através do uso intenso da internet, pode provocar o predomínio do individualismo nas formas de sociabilidade, através de uma comunicação híbrida, onde relacionam-se o *lugar físico e o ciber lugar*. Ou seja, na contradição entre o concreto físico e o concreto não físico (o virtual), existe a possibilidade de uma exacerbação do individualismo, principalmente se o concreto físico não envolver participação em coletivos organizados.

Diante disto, como quem aciona a tecnologia é o ser humano, sua subjetividade precisa estar comprometida com valores coletivos, para que possa imprimir este caráter nesta experiência de contradição entre tais formas. O aumento do uso da tecnologia digital por si não determina uma relação social individualista, ele pode acentuá-la em função do fortalecimento de uma cultura de banalização do tratamento de aspectos sociais sob um ângulo mais coletivista.

Castells (2003, p. 111) considera que

Essas tendências equivalem ao triunfo do indivíduo, embora os custos para a sociedade ainda sejam obscuros. A menos que consideremos que indivíduos estão de fato reconstruindo o padrão da interação social, com a ajuda de novos recursos tecnológicos, para criar uma nova forma de sociedade: a sociedade de rede.

Ao destacar este elemento, Castells nos remete a uma, entre tantas outras questões, de caráter ético-moral nada simples, posto, por exemplo, ser a internet um instrumento de grande utilização, por parte, principalmente, do segmento jovem da sociedade. Se há o fato de ser um rápido dinamizador de informações, o que a transforma numa rica ferramenta de trabalho e pesquisas, há, no entanto, os riscos de que esta relação homem/máquina possa ajudar a desenvolver uma cultura política pouco elevada no tratamento das expressões da questão social.

No entanto, se a “internet não é um instrumento de liberdade, nem arma de dominação unilateral (...) [e portanto] não substitui a mudança social ou a reforma política” (CASTELLS,

2003, p. 135), ela possui recursos que podem ser utilizados nesta direção. Ela pode ser um instrumento para a democracia, à medida que fortalece o conhecimento e a participação dos cidadãos, nivelando relativamente o terreno da manipulação simbólica e ampliando as fontes de comunicação (CASTELLS, 2003, p. 135). O caso de alguns movimentos sociais serem gestados ou geridos na internet caracteriza o fato de que o uso das redes sociais pode oferecer também elementos para o enfrentamento ao individualismo.

Ao longo da década de 1990, no mundo todo, importantes movimentos sociais se organizaram com a ajuda da Internet. [Portanto, ela não é] um mero instrumento útil a ser usado porque está lá. Ela se ajusta às características básicas do tipo de movimento social que está surgindo [na] Era da Informação. (CASTELLS, 2013, p. 115).

Portanto, para Castells (2013, p.167) “[os] movimentos sociais em rede de nossa época são amplamente fundamentados na internet” o que é

(...) um componente necessário, embora não suficiente, da ação coletiva. As redes sociais digitais baseadas na internet e nas plataformas sem fio são ferramentas decisivas para mobilizar, organizar, deliberar, coordenar e decidir. Mas o papel da internet ultrapassa a instrumentalidade: ela cria as condições para uma forma de prática comum que permite a um movimento sem liderança sobreviver, deliberar, coordenar, expandir-se. (Ibid).

Em nossa experiência em sala de aula, não nos propusemos ainda a esta discussão, mas sim a explorar os aspectos da ação comum, no caso, a ação do debate político fundamentado.

INICIANDO O TRABALHO EM SALA DE AULA

O que conseguimos observar inicialmente foram expressões de surpresa ao entrarmos no laboratório de informática para a aula do dia/noite. Também houve manifestações de resistência, cujos motivos não chegamos a indagar, mas que sinalizavam um tipo de represália, como se aquela ferramenta não pudesse ser agregada a um processo sério de ensino. Talvez também fossem outros os motivos, mas esta foi a impressão que nos ficou e taticamente avaliamos não desenvolvê-la em aula sob pena de não conseguirmos, através de nossa proposta, desmontar qualquer outra resistência que se manifestasse naquele momento.

A turma foi informada de que estaríamos construindo juntos aquele processo que poderia inclusive não dar certo. Os objetivos da intervenção não estavam tão claros assim e seria durante o desenvolver do trabalho neste dia e de sua posterior avaliação que concluiríamos sobre sua continuidade ou não.

Os alunos foram orientados a pesquisarem na internet assuntos publicados e que pudessem ser qualificados como expressão da questão social e a partir daí o compartilhassem, tecessem seus comentários e estimulassem os colegas a tecerem os seus também.

A docente deveria acompanhar as postagens e o que era escrito acerca delas, dirigindo a discussão de maneira a articular os conteúdos que vinham sendo tratados nas aulas.

DESENVOLVENDO O TRABALHO

O trabalho foi iniciado, mas não com tranquilidade. Houve postagens irônicas feitas inicialmente com figuras e comentários que estavam fora daquele contexto. Enfim, testemunhamos a reprodução do que já mencionamos ser o comportamento, infelizmente, ainda muito comum nas redes sociais. Houve certo desconforto, mas depois de um tempo ficou claro que o recurso que utilizávamos o era na relação com uma aula e portanto exigia comportamento adequado.

A partir daí muitos comentários foram sendo realizados, mas ainda de forma muito tímida e superficial. A partir de algumas intervenções da docente, a dinâmica adquiriu contornos mais qualitativos, com os alunos se esforçando para utilizarem o conteúdo da academia e portanto se exercitando numa análise melhor elaborada dos fatos cotidianos encontrados nas publicações de acesso público.

Como previsto, as reações às discordâncias dos comentários durante o debate eram às vezes desagradáveis. Havia rispidez nas respostas, o que equivale a concluir sobre a dificuldade que nossa cultura ainda possui em confrontar ideias e daí extrair novas conclusões, ou seja, de viver o processo da tese, antítese e síntese (mesmo que síntese provisória)

Mas mesmo assim a experiência gerou contentamento. Talvez porque tenha provocado segurança numa forma de exposição mais exigente acerca das ideias e comentários, demonstrando que os expositores possuem capacidade para fazê-lo e que pensar com profundidade é ação acessível a todos.

Ao final da aula a avaliação realizada foi positiva, sendo proposto, no entanto, a eleição de uma única postagem sobre a qual os alunos devessem trabalhar suas reflexões, análises e comentários.

GRUPO DE DISCUSSÃO “DEBATENDO OS MOVIMENTOS SOCIAIS”

Na data de 25 de março de 2015 já estávamos atuando como Grupo de discussão “Debatendo os Movimentos Sociais”, que foi o nome escolhido pela turma e a utilização das redes sociais digitais foi incorporada à dinâmica das aulas.

Nossa primeira atividade formal foi desenvolver reflexões sobre o Projeto de Lei do Senado (PLS) 278/2011, que trata da criminalização dos movimentos sociais a partir do texto de NETTO, José Paulo; FALCÃO, M^a C. Brant Carvalho. Cotidiano: Conhecimento e crítica. São Paulo: Cortez, 2000 e de questões apresentadas pela docente para orientação dos debates, realizados on line, em dupla, envolvendo como critério de avaliação a participação e qualidade dos comentários realizados.

As questões diziam respeito ao nível de interferência deste Projeto de Lei, se aplicado, no desenvolvimento da consciência dos cidadãos acerca de seus poderes de decisão política e participação popular. Também foi requisitada reflexão acerca do papel da sociedade civil e do Estado brasileiro frente ao projeto.

Como os alunos foram estimulados a pesquisar no Google, de maneira a informarem-se, mesmo que brevemente, sobre o assunto, foram orientados também para a importância da identificação das fontes das informações utilizadas durante o debate.

Trabalhamos ainda com o apoio de uma aluna da turma, que possuía conhecimentos na área de informática. Ela dava suporte aos alunos na sala em possíveis dificuldades na utilização do computador. Também auxiliou a docente no trabalho de acompanhamento quantitativo da produção na página.

Algumas das atividades requisitadas neste aspecto foram:

1-Conferência da lista de participantes para verificação de alguma presença que não fosse a de alunos da turma.

2-Nominação da participação nos debates, quantificando-a.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização das redes sociais digitais contribui na geração de formas e modos específicos de relação que caracterizam-se por criatividade, comunicação rápida e certo tipo de liberdade de expressão. Pode afirmar-se como ferramenta útil nos processos de ensino e aprendizagem.

Em função da greve das IFES no ano de 2015, o trabalho foi encerrado. Mas no retorno da mesma, em processo de avaliação no final do período acadêmico, foi proposto a retomada dele no semestre seguinte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTELLS, Manuel. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. A transformação do mundo na sociedade em rede. In: CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar: 2013.

COLEHO, Teixeira. *O que é indústria cultural*. 21ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

GOHN, Mª da Glória. *Educação não formal e cultura política*. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. Classes Sociais e Movimentos Sociais. In: *Capacitação em Serviço Social e Política Social: Módulo 2: Crise Contemporânea, Questão Social e Serviço Social* – Brasília: CEAD, 1999.

SANTAELLA, Lúcia. *Por que as comunicações e as artes estão convergindo?* São Paulo: Paulus, 2005.

SOBRE A AUTORA:

Isabel Cristina Chaves Lopes: Professora Adjunto do curso de Serviço Social na Universidade Federal Fluminense – PUCG e coordenadora do Núcleo de Estudos sobre Cultura, Educação e Movimentos Sociais – NUCEMS/UFF/SSC.